CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

Fontes: jornal O Globo, caderno Prosa, 3/8/2013; revista Cult # 180, junho de 2013; Hannah Arendt, in: Entre o Passado e o Futuro; Celso Lafer, in: O Estado de São Paulo, 21/7/ 2013.

PENSAR A filosofia está no ar. Nas telas dos cinemas ou nas páginas dos jornais e revistas, o pensamento filosófico chega à cultura de massa para nos ajudar a refletir sobre o nosso tempo. O jornal O Globo e a revista Cult nos oferecem um conjunto de textos, artigos e ensaios do italiano Giorgio Agamben. O pensador é visto como uma renovação filosófica do século XXI e sua obra tem forte influência de Hannah Arendt, a filósofa alemã que está sendo vivida nas telas dos cinemas pela atriz Barbara Sukowa, sob a régia da cineasta Margarethe Von Trotta.

HANNAH ARENDT O filme de Von Trotta em parceria com a roteirista Pamela Katz constrói um enredo capaz de demonstrar a força intelectual de Arendt no momento em que a filósofa alemã, radicada em Nova York, aceitou o desafio de escrever sobre o julgamento de Adolf Eichmann, um dos notórios responsáveis pelo extermínio dos judeus. Hannah, ela mesma uma judia alemã, egressa de um campo de confinamento e refugiada na América, consegue escrever um brilhante ensaio sobre a banalidade do mal.

O MAL A obra, publicada originalmente na revista The New Yorker, em diversos artigos e posteriormente organizada no livro "Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal (1963-1965)" faz um diagnóstico das vicissitudes existenciais de uma era de extremos e da prepotência dos regimes totalitários. Arendt descreve o carrasco nazista como um arrivista medíocre, incapaz de refletir sobre seus atos, o que não o isenta de responsabilidade sobre suas ações. Ela entende também que a burocratização da vida pública, associada a uma certa capacidade destrutiva, constitui uma grave ameaça à democracia.

A TESE O olhar feminino de Von Trotta revela uma Hannah capaz de conciliar gentileza e coragem, lealdade e força. Uma mulher apaixonada, amiga dos amigos, mas firme na sua capacidade de observar o mundo e criticá-lo. Uma pensadora de argumentos sólidos e convicta das suas teses. Uma judia que foi capaz de afirmar que o genocídio de judeus teve a conivência dos chamados "conselhos judaicos" na Alemanha e na Polônia e que o carrasco nazista era um burocrata medíocre. As duas afirmações lhe custaram inimizades e agressões, mas gerou uma obra teórica fundamental sobre os perigos dos regimes totalitários e a importância da diversidade e do respeito à pluralidade da condição humana.

EXCEÇÃO Arendt, assim como Agamben, vê o totalitarismo como uma ameaça à diversidade humana e à democracia e percebe a quebra das normas estabelecidas como oportunidades para a criação de situações de exceção, condição que abre precedentes perigosos na organização social e permite abusos incontroláveis.

CONTRADIÇÕES Arendt testemunhou os abusos cometidos pelo nazismo na Europa. Agamben testemunha as contradições do Estado moderno e sua relação com a sociedade globalizada, tecnológica e conectada. Um Estado cuja contradição é permitir a suspensão da lei, isto é, criar dispositivos legais que autorizam a suspensão da lei.

ABUSOS Entre os exemplos mais notórios dessas práticas estão a prisão de Guantánamo, os serviços ultrassecretos que interferem na correspondência privada dos cidadãos (vide caso Snowden), a repressão violenta da polícia contra as manifestações recentes dos jovens brasileiros e a criação da Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas (CEIV), constituída pelo governo do Rio de Janeiro e que, felizmente, foi considerada inconstitucional.

VIOLÊNCIA O perigo desses atos de exceção é a abertura para a existência de uma bolha autoritária na própria estrutura do Estado e com ela a criação de espaços para práticas individuais de violência. Cada policial se encarrega, ele mesmo, de exercer a sua autoridade conforme as suas próprias convicções. Diante dessas exceções, cada um de nós pode estar sujeito à brutalidade individual da autoridade sem que isso possa se configurar como crime.

A BRECHA A origem do mal provém das brechas autoritárias, das violações consentidas. Como escreveu Celso Lafer, no prefácio à edição brasileira do livro "*Entre o Passado e o Futuro*", de Hannah Arendt, "*(...) o fenômeno totalitário revelou que não existem limites às deformações da natureza humana e que as organizações burocráticas de massa, baseadas no terror e na ideologia, criaram novas formas de governo e dominação, cuja perversidade nem sequer tem grandeza, conforme nos aponta Hannah Arendt ao examinar a banalidade do mal na sua obra 'Eichmann em Jerusalém'*".